



Resistimos, avançamos e ousamos lutar!

We resist, we move forward and we dare to fight!

Adrianyce A. Silva de Sousa*

 <https://orcid.org/0000-0002-4092-3438>

Esther Luíza de Souza Lemos**

 <https://orcid.org/0000-0002-7154-1475>

Olegna de Souza Guedes***

 <https://orcid.org/0000-0001-7559-7225>

Sandra Lourenço de Andrade Fortuna****

 <https://orcid.org/0000-0002-3383-4461>

RESUMO

O quadro dramático da pandemia por SARS-CoV-2, causador da Covid-19, associado à defesa da seleção natural e ao negacionismo, foi enfrentado pela gestão da ABEPSS “Resistir e avançar, na ousadia de lutar” (2019–2020), no contexto do acirramento da pauta conservadora, reacionária, profundamente autocrática e antipopular do desgoverno Bolsonaro. O presente artigo busca refletir, à luz dos processos que atravessaram a gestão, as estratégias que foram colocadas em movimento face à conjuntura, dando ênfase ao trabalho articulado dos Grupos Temáticos de Pesquisa (GTPs), criados em 2010, e da Revista Temporalis, criada em

*Professora. Doutora em Serviço Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ, Rio de Janeiro, Brasil). Docente Associada 04 da Escola de Serviço Social e do Programa de Pós-graduação em Serviço Social da Universidade Federal Fluminense (UFF, Niterói, Brasil) e Bolsista de Produtividade do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico Nível 02 (CNPQ, Distrito Federal, Brasil). E-mail: adrianyces@id.uff.br; adrianyce@gmail.com

**Assistente Social. Doutora em Serviço Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ, Rio de Janeiro, Brasil). Docente Associada no Curso de Graduação e Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE, Toledo, Brasil). E-mail: estherlemos@gmail.com

***Assistente Social. Doutora em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC, São Paulo, Brasil). Docente Sênior do Curso de Serviço Social e Política Social da Universidade Estadual de Londrina (UEL, Londrina, Brasil) e Bolsista de Produtividade do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico Nível 02 (CNPQ, Distrito Federal, Brasil). E-mail: olegna@uel.br

****Assistente Social. Doutora em Serviço Social pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP, São Paulo, Brasil). Docente no Departamento de Serviço Social da Universidade Estadual de Londrina (UEL, Londrina, Brasil). E-mail: sanlou@uel.br

DOI 10.22422/temporalis.2025v25n50p128-141



© A(s) Autora(s)/O(s) Autor(es). 2025 **Acesso Aberto** Esta obra está licenciada sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR), que permite copiar e redistribuir o material em qualquer suporte ou formato, bem como adaptar, transformar e criar a partir deste material para qualquer fim, mesmo que comercial. O licenciante não pode revogar estes direitos desde que você respeite os termos da licença.

2000, órgãos acadêmico-científicos da entidade que completam, neste ano, 15 e 25 anos, respectivamente. A primeira parte do texto afirma a produção do conhecimento como uma forma de resistência; na sequência, fundamentam-se os projetos que deram vigor e capacidade articulatória à gestão no período, a saber: o Projeto ABEPSS Itinerante e o Projeto ABEPSS Ao Vivo, articulados aos GTPs. Nas quatro edições dos dois anos de gestão, destaca-se o papel de disseminação do conhecimento da Revista Temporalis e como ela contribuiu na reflexão e memória histórica acerca daquela conjuntura.

PALAVRAS-CHAVE

ABEPSS; Pandemia; Conservadorismo; Estratégias; Resistência.

ABSTRACT

The dramatic situation of the SARS-CoV-2 pandemic, which causes Covid-19, associated with the defense of natural selection and denialism, was confronted by the ABEPSS administration “Resist and advance, in the boldness of fighting” (2019–2020) in the context of the intensification of the conservative, reactionary, profoundly autocratic, and anti-popular agenda of the Bolsonaro administration. This article seeks to reflect, considering the processes that permeated the administration, on the strategies that were put into action in response to the current situation, emphasizing the coordinated work of the Thematic Research Groups (GTPs), created in 2010, and the Temporalis Journal, created in 2000. These are the entity's academic-scientific bodies that celebrate their 15th and 25th anniversaries this year, respectively. The first part of the text affirms knowledge production as a form of resistance. It then discusses the projects that gave vigor and articulation to the administration during that period, namely the ABEPSS Itinerant Project and the ABEPSS Live Project, coordinated with the Thematic Research Groups (GTPs). In the four editions of the two-year administration, the knowledge dissemination role of the Temporalis Journal is highlighted and its contribution to reflection and historical memory regarding that situation.

KEYWORDS

ABEPSS; Pandemic; Conservatism; Strategies; Resistance.

Introdução

Mundialmente, em 30 de janeiro de 2020, o combate à proliferação do novo coronavírus, causador da doença Covid-19, foi declarado Emergência de Preocupação Internacional. Um mês e meio depois, em 11 de março, foi reconhecida pela Organização Mundial da Saúde (OMS) a existência da pandemia. As orientações da OMS, baseadas em evidências e diretrizes científicas no combate à pandemia, recomendaram o distanciamento social com a restrição da circulação de trabalhadores, mantendo em funcionamento apenas as atividades e os serviços considerados essenciais.

Tal medida teve o objetivo de reduzir a transmissibilidade da Covid-19, evitar e diminuir o colapso do sistema de saúde e do sistema funerário. Porém, desde o anúncio das primeiras medidas, o desgoverno Bolsonaro (2019–2022) minimizou os efeitos da pandemia e confrontou as orientações do próprio Ministério da Saúde, intensificando-se a crise política e econômica e o descaso com a ciência. Se é fato que todas as gestões da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social (ABEPSS) foram problematizadas por conjunturas cada vez mais adversas a um projeto de formação profissional crítico e humanista concreto, no biênio 2019/2020 isso foi ainda mais árduo, pois, além da entidade travar a luta ideopolítica e de defesa da educação pública de qualidade e das Diretrizes Curriculares da ABEPSS de 1996, o fez num contexto de aprofundamento do projeto neoliberal no Brasil, sob a égide da extrema direita.

Ao mesmo tempo, no curso desse projeto autocrático e altamente deletério para as/os trabalhadoras, o mundo e o Brasil vivenciaram a pandemia anteriormente descrita, a qual, na periferia do capitalismo, assumiu configurações ainda mais desiguais.

O golpe parlamentar, empresarial, jurídico e midiático, em 2016, é parte de um processo de aprofundamento de um duríssimo ajuste fiscal que culminou nas eleições de 2018, em que Jair Bolsonaro, candidato de extrema direita, foi eleito. Este processo se deu atualizando uma pauta conservadora, reacionária, profundamente autocrática e antipopular. Como bem expresso nas análises de Sousa, Oliveira e Souza (2020), para responder aos interesses do capital financeiro e rentista, foi fundamental alijar os trabalhadores e movimentos sociais dos processos, efetivando, assim, a dilapidação dos seus direitos. Nestes termos, o governo Jair Bolsonaro é parte deste movimento.

O caldo cultural e social para sustentar este processo foi dado pelo ressurgimento dos terraplanistas, da negação da ciência, da explicitação e defesa de posições racistas, misóginas e patriarcais. Tudo para destruir a frágil articulação em torno de parâmetros sociais e de civilidade construídos no país nos anos de 1980. Esse quadro tornou-se dramático com o negacionismo acerca da gravidade da Covid-19, associado à defesa da seleção natural como resposta para a pandemia em 2020. A mistificação necessária para este processo foi dada pela ideia de que a pandemia gerou a crise e, nesse sentido, propalou-se um discurso abstrato de que a pandemia atingiu todas as pessoas da mesma forma, independentemente da sua classe social.

Na área da educação, o caráter reacionário e antirrevolucionário daquele governo reciclou o anticomunismo no mote do “antipetismo” e no chamado “marxismo cultural”. No dizer de Leher (2020), à estratégia olavista da guerra cultural para a política de educação confluíram dois interesses: o aprofundamento do neoliberalismo e a sedimentação de uma educação destituída do seu caráter crítico. Buscou-se, a todo custo, silenciar as instituições públicas autônomas, comprometidas com a ética na produção do conhecimento, dedicadas à produção de saberes baseados na ciência, como é o caso das universidades públicas e algumas privadas, além dos institutos de pesquisa. Silenciamento este fundamental para submeter a ciência brasileira aos dogmas que sustentaram e ainda sustentam as bases socioculturais do projeto em curso no país.

A gravidade e o aprofundamento da crise, produto constitutivo e constituinte do desenvolvimento capitalista, acirraram suas contradições em decorrência de medidas liberais e obscurantistas que produziram um verdadeiro genocídio no Brasil. Sofrendo juntamente com a classe trabalhadora brasileira, a comunidade de estudantes, professores e supervisores de campos de estágio em Serviço Social, associados à ABEPSS, criou respostas, construindo mediações para enfrentar a situação concreta, reafirmando seu compromisso ético-político com a defesa da vida, a opção por um novo projeto societário e a defesa da produção do conhecimento como práxis na perspectiva emancipatória.

Nesse sentido, o presente artigo busca refletir, à luz dos processos que atravessaram a gestão 2019–2020, acerca dos impactos, desafios e estratégias que foram colocadas em movimento face à conjuntura, dando ênfase ao trabalho articulado dos Grupos Temáticos de Pesquisa (GTPs) e da Revista Temporalis.

A produção do conhecimento como resistência

O Serviço Social consolida-se como área de produção de conhecimento que se constrói na perspectiva crítica à interpretação da ciência como restrita à tecnologia e vinculada à manipulação generalizada da realidade social, associada aos interesses da dominação capitalista.

Lukács (2012), na análise dessa requisição da ciência instrumental, desvinculada da ontologia, destaca que, dentre os resultados dessa oposição, está “a negação por princípio da totalidade das ciências, de suas inter-relações, da complementação recíproca de seus resultados e da generalização dos métodos e que das conquistas científicas possa surgir um espelhamento adequado da realidade em si” (Lukács, 2012, p. 51). Trata-se, segundo o autor, de uma posição engendradora e que se sustenta pela necessidade da burguesia de “saber, valorizar e utilizar ilimitadamente todas as descobertas da ciência na economia, na vida social, etc., por um lado e, por outro, manter historicamente ativa nas massas uma necessidade religiosa” (Lukács, 2012, p. 53). Essa separação — de um lado, a ciência prática; de outro, a necessidade religiosa — cria o campo de força humano-social do qual se desenvolve essa missão linear que distancia da realização humano-social.

O ideário salvífico, com traços fundantes da teologia do domínio, como analisado por Rocha (2020), esteve sempre presente na cena política do governo de Jair Bolsonaro, articulado à associação da ciência e da produção do conhecimento às necessidades do modo de produção capitalista e, portanto, associada a uma perspectiva imediata, utilitarista e desvinculada da práxis emancipatória.

Na defesa da produção do conhecimento como práxis, o Serviço Social se destaca como área que reafirma o mestrado e doutorado acadêmicos, não possuindo mestrado profissional, entendendo a necessária relação entre a produção do conhecimento e a defesa de um projeto ético e político. Este entendimento coletivo tem sido encampado por suas entidades representativas, particularmente a ABEPSS. Nesta quadra histórica, tornou-se necessário reafirmar, por meio de notas públicas, o posicionamento crítico dessa entidade frente aos ataques à ciência, à tecnologia e à educação no país, que, no ano de 2019, privilegiaram editais para ciências da saúde e engenharias, em detrimento da valorização das áreas do Colégio de Humanidades, numa nítida dissociação da intrínseca relação entre conhecimento e práxis emancipatória.

Importa ressaltar que o acirramento da ênfase na dissociação entre conhecimento e ontologia é uma das mediações da ideologia conservadora, sendo funcional à acumulação capitalista, direcionada, na era Bolsonaro, sobretudo ao agronegócio, com profundos cortes no orçamento das políticas públicas e da política de educação.

Dentre as refrações desses cortes, no que tange à produção do conhecimento, destacam-se: a proposta de fusão do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES); cortes orçamentários nos recursos para custeio, investimento e editais de financiamento de pesquisa; redução de bolsas de pesquisa e de iniciação científica; crescentes ataques à autonomia universitária; ênfase em fusões de programas de pós-graduação que

descaracterizam a particularidade desses programas e tendem a acirrar assimetrias regionais.

A ABEPSS, nessa conjuntura, assumiu seu protagonismo como uma das entidades da categoria profissional das/dos assistentes sociais, com emissão de notas públicas, debates e, ainda, buscando consolidar parcerias com outras associações de ensino e pesquisa, articulando-se, inclusive, ao Fórum de Ciências Humanas, Sociais Aplicadas, Linguística, Letras e Artes (FCHSSALLA), para construção de estratégias de enfrentamento aos desmontes desferidos às áreas do Colégio de Humanidades na CAPES.¹

Dentre as atividades que se inserem entre essas estratégias, destacam-se as de organização e mobilização dos cursos *stricto sensu* da área de Serviço Social e, no ano de 2020, o posicionamento crítico em relação à necessária revogação de duas portarias que serão a seguir apontadas.

A Portaria da CAPES nº 34/2020, que impôs restrições à concessão de bolsas de estudo para mestrados e doutorados; a Portaria do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC) nº 1.122/2020, que definia áreas prioritárias para o financiamento de pesquisas e desenvolvimento de tecnologias, discriminando as ciências humanas e sociais aplicadas. Além desta, houve a publicização do pedido de revisão dos resultados preliminares da Chamada do CNPq nº 25/2020, especialmente no que tange aos critérios de avaliação utilizados na concessão de bolsas para essa chamada, pois ficou evidente a restrição de acesso da área de Serviço Social ao financiamento ofertado.

Importa ressaltar, dessa mobilização entre os cursos *stricto sensu* em Serviço Social, encontros e atividades remotas, entre essas o Seminário Nacional de Pós-Graduação da área de Serviço Social, com a afirmação de pautas fundamentais para a defesa da relação entre produção de conhecimento e projeto ético-político, dentre essas: o produtivismo acadêmico, o adoecimento profissional e as propostas de mudanças na avaliação da CAPES.

A ABEPSS reafirmou, com esses posicionamentos políticos, a necessária produção do conhecimento como resistência a uma direção política afinada à lógica fetichista, pragmática e com frequentes reedições vulgares de uma empiria que não se distancia do factual, do imediato. Ao contrário, defende-se que se faz necessário “investigar ininterruptamente toda a factualidade, na perspectiva do seu autêntico conteúdo de ser, sua constituição ontológica” (Lukács, 2012, p. 293).

Trata-se de uma: “Cientificidade que não perde jamais o vínculo com a atitude ontologicamente espontânea da vida cotidiana; ao contrário, o que faz é depurá-la de forma crítica e devolvê-la, elaborando conscientemente as determinações ontológicas que estão necessariamente na base de qualquer ciência” (Lukács, 2012, p. 293).

A partir dessas determinações, a ABEPSS defendeu a produção do conhecimento como práxis emancipatória, que se constrói na perspectiva crítica à redução do conhecimento à

¹ Todas as notas públicas e posicionamentos coletivos aprovados pela gestão da ABEPSS no período foram publicados na aba Comunicação no site da entidade estando disponíveis em: www.abepss.org.br

lógica utilitarista e voltada à manipulação generalizada da vida social. Afirmando que tal perspectiva crítica, nesta sociabilidade, não se constrói à revelia da resistência e sem o aporte das lutas sociais.

Vale lembrar que o Serviço Social relaciona sua produção de conhecimento às necessárias apreensões das relações de exploração e opressão; às contradições engendradas pelo capitalismo em seus movimentos contemporâneos e suas refrações no trabalho e nas expressões da “questão social”; às contradições e bases fundantes das políticas sociais, bem como às retrações sofridas no campo dessas políticas no que tange à garantia de direitos fundamentais.

Consolida-se, ainda, como área de conhecimento que se volta às trajetórias socio-históricas de uma profissão que se inscreve na divisão sociotécnica do trabalho, sob o mote contraditório de sua funcionalidade ao modo de produção capitalista e à defesa de um projeto ético e político que se articula às lutas emancipatórias da classe trabalhadora.

Nessa direção, estruturam-se os Grupos Temáticos de Pesquisa (GTPs) da ABEPSS que, na gestão “Resistir e avançar, na ousadia de lutar”, foram fundamentais para consolidar o Projeto ABEPSS Itinerante e o Projeto ABEPSS Ao Vivo, sobre os quais trataremos a seguir.

Os GTPs e os Projetos ABEPSS Itinerante e ABEPSS Ao Vivo: estratégias de enfrentamento da barbárie!

Criados há 15 anos, na gestão 2009–2010, os Grupos Temáticos de Pesquisa (GTPs) estatutariamente constituem, junto com a Revista Temporalis, órgão de apoio acadêmico-científico da entidade. Uma das agendas políticas da gestão 2019–2020 era promover o espraiamento e alcance de todos os GTPs em todas as regiões do país, estimulando a articulação entre graduação e pós-graduação. O contexto da pandemia colocou novos desafios e, coletivamente, a gestão não deixou de resistir e avançar na ousadia de lutar, desenvolvendo dois projetos em profunda articulação com os GTPs, os quais abordaremos a seguir.

Historicamente, as respectivas gestões da ABEPSS, desde 2012, realizaram o Projeto ABEPSS Itinerante com o objetivo de dar sustentação teórico-metodológica, técnico-operativa e ético-política à implantação e implementação das Diretrizes Curriculares aprovadas em 1996. Neste mesmo sentido, porém, com o agravamento da bárbara conjuntura, a 5ª edição do Projeto ABEPSS Itinerante teve como tema “Ética e Direitos Humanos: elementos para a crítica ao conservadorismo”².

Sendo assim, a estratégia foi realizar o projeto em formato virtual, como uma excepcionalidade, não configurando nenhum tipo de retrocesso nos posicionamentos da categoria com relação ao ensino à distância. Tratava-se de uma ação de educação

² Para essa edição foi construído um site com produção de conteúdo disponível e que ainda hoje se constitui como um acúmulo sobre a temática Ética e Direitos Humanos e a crítica ao conservadorismo. O material é composto de textos básicos e textos complementares (em PDF e de acesso livre); indicações de livros para aquisição; indicações de filmes com as referidas sinopses; poesias; músicas, disponível em: <https://itinerante.abepss.org.br/>

permanente, sendo estratégica em seu caráter formativo e organizativo. Dessa forma, o projeto alcançou aproximadamente 1.200 pessoas em todo o país, sendo realizado de maneira virtual e dividido em dois módulos.

Seu ponto de partida deu-se sobre um conjunto de reflexões que atravessaram a gestão, juntamente com o GTP de Ética, Direitos Humanos e Serviço Social. Entendeu-se que a própria conjuntura atualizava a relevância da temática central do projeto. Como ação de educação permanente, era fundamental municiar a categoria, estando junto às UFAs para resistir e avançar face aos graves ataques às universidades que se intensificaram nesse período. Fortalecendo as ações críticas e de resistência, a entidade não poderia se furtar de mobilizar e se atualizar em novos formatos para manter o diálogo com as UFAs.

Face à conjuntura, no calor dos acontecimentos históricos no mundo e particularmente no Brasil, um questionamento fundamental mobilizou a reflexão nas turmas do projeto: O que significa formar assistentes sociais num contexto de grande investimento das classes dominantes, a partir dos seus setores mais conservadores e reacionários (pensamos Trump nos Estados Unidos e Bolsonaro no Brasil), de socialização de um universo ideológico e cultural que rompe ou tenta romper com valores civilizatórios, cuja consequência mais imediata é o massivo esvaziamento das capacidades críticas e da problematização das questões que atravessam a vida social?

A direita extremada estava ali e, hoje, vemos que veio para ficar, ocupando a luz do dia e influenciando no debate público no Brasil. Por isso, refletir como a formação profissional contribui com processos que viabilizem a desconstrução desses desvalores e formas amesquinhas de pensar a vida foi e é uma resistência.

Sob o mote do projeto, atualizou-se também o desafio ainda posto para o presente: que de fato se materialize a discussão da ética e dos direitos humanos não apenas como objeto das disciplinas específicas, mas como o atravessamento da formação pela vida concreta, em que o racismo, sexismo e LGBTfobia cortam na carne e, por isso, não podem ser naturalizados.

Os episódios cada vez mais volumosos e inaceitáveis de racismo no mundo³ e no Brasil trouxeram à cena a pauta urgente da luta antirracista e levaram milhares de pessoas às ruas ao redor do mundo, mesmo em tempos de distanciamento social, reavivando uma certeza: cabe a nós, apesar deles, lutar contra a expropriação do capital e suas mais variadas formas de exploração e opressão. Isto é: lutar pela nossa vida e pela diversidade humana.

Isso significa, entendendo os limites da formação profissional, contribuir com processos de desconstrução dos desvalores. Ou seja, o projeto foi provocativo porque a formação

³ Caso emblemático foi a violência sofrida por George Floyd, um homem negro morto durante sua prisão em Minneapolis, Minnesota, em 25 de maio de 2020. Amplamente divulgado por vídeos, estes mostravam que, durante a prisão, o policial branco Derek Chauvin pressionou o joelho no pescoço de Floyd, mesmo ele estando algemado. Floyd dizia repetidamente: “Não consigo respirar”, enquanto o policial continuou pressionando seu pescoço por mais de nove minutos. A divulgação do vídeo desencadeou protestos por todo o mundo e fortaleceu o movimento Black Lives Matter.

precisa ser provocada pela dinâmica cotidiana da vida social e sinalizar que as escolhas, os valores, as decisões têm lado. Estas afirmam ou contrariam interesses de classe, e estes têm consequências concretas na vida cotidiana dos indivíduos.

Ao mesmo tempo, atualizou-se a discussão dos fundamentos ontológicos da ética e dos direitos humanos, principalmente de duas formas: a primeira, dando consciente direcionamento e intencionalidade frente aos fundamentos teórico-metodológicos adotados na formação, em torno da ética como reflexão ontológica. Partindo de estudos como os da professora Lúcia Barroco, mas não só, dialogando com novas produções que trazem essa centralidade, evidenciou-se a relevância e necessidade histórica dos fundamentos ontológicos no debate sobre ética e vida social e na própria definição da concepção de ética defendida pelo projeto ético-político.

Esses fundamentos ontológicos são essenciais para que a crítica à sociabilidade do capital supere abordagens de caráter economicista, politicista ou eticista, por vezes presentes no universo profissional, e favoreça a apreensão da realidade de modo complexo, em suas múltiplas determinações. A crítica à vida cotidiana é, neste sentido, fundamental no debate ético e dos direitos humanos, não podendo prescindir desses fundamentos.

Evidenciou-se também que é fundamental avançar nas mediações e reflexões para atualizar a discussão dos fundamentos ontológicos, remetendo discussões como patriarcado, racismo, LGBTfobia e todas as opressões que limitam a diversidade humana para o campo de análise ontológica. É fundamental evidenciar que essas opressões emergem das condições materiais postas na ascensão e desenvolvimento do capitalismo e se expressam em mecanismos ideológicos produzidos para manter sob controle os indivíduos sociais, perpetuando suas condições de desigualdade social.

O acirramento das contradições da crise sanitária, política, econômica e social vivida no país, particularmente as manifestações de obscurantismo, ataques às universidades e à educação superior, produziu uma nova realidade na qual a gestão “Resistir e avançar, na ousadia de lutar” ousou propor o Projeto ABEPSS Ao Vivo. A proposta envolveu todos os oito GTPs, a partir do uso dos recursos de comunicação disponíveis e das condições objetivas encontradas no interior das próprias residências, dado o trabalho e o ensino remotos.

Com a finalidade de socializar a produção de conhecimento na área a partir dos GTPs, o Projeto ABEPSS Ao Vivo foi proposto em 2020 com os seguintes objetivos específicos: proporcionar reflexão crítica sobre as contradições do capitalismo e seu recrudescimento na conjuntura da pandemia, produzindo conteúdo para a política de educação permanente; combater o negacionismo a partir da divulgação da produção científica da área de Serviço Social no Brasil; difundir a concepção e a lógica das Diretrizes Curriculares da ABEPSS, as quais reafirmam uma leitura crítica da realidade e da profissão; mobilizar e divulgar os GTPs como instância organizativa da pesquisa na área, na graduação e pós-graduação; publicizar as ações da gestão da ABEPSS e o patrimônio teórico-político-organizativo da entidade.

Os oito GTPs foram ativos na proposição de temáticas, expositores e roteiros, destacando-se o trabalho das coordenações ampliadas dos respectivos GTPs: Trabalho, Questão Social e Serviço Social; Política Social e Serviço Social; Serviço Social: Fundamentos, Formação e Trabalho Profissional; Movimentos Sociais e Serviço Social; Questões Agrária, Urbana, Ambiental e Serviço Social; Serviço Social, Relações de Exploração/Opressão de Gênero, Raça/Etnia, Geração, Sexualidades; Ética, Direitos Humanos e Serviço Social; Serviço Social, Geração e Classes Sociais⁴.

No período, o projeto mobilizou amplamente as UFAs, os Programas de Pós-Graduação e a articulação entre as entidades organizativas da categoria, de âmbito nacional e internacional, envolvendo o CFESS/CRESS, a ENESSO e a ALAEITS, além de movimentos sociais. A periodicidade foi quinzenal, sendo realizado às terças-feiras, às 19h30, com duração média de 1h30 a 1h40. Os canais de transmissão foram o Facebook da ABEPSS, que na ocasião contava com 31.350 seguidores, e o canal do YouTube da TV ABEPSS, com 1.580 inscritos no início do projeto. Desde então, a comunicação da ABEPSS por esse meio se expandiu, possuindo atualmente aproximadamente 10.300 inscritos no canal TV ABEPSS.

A primeira transmissão do Projeto ABEPSS Ao Vivo foi realizada no dia 16 de junho de 2020 com o tema “Crise do capital, pandemia e Serviço Social brasileiro” contando com a participação das representações da ABEPSS, CFESS e ENESSO num primeiro diálogo aberto com a categoria tendo ao final do ano 6.630 visualizações. Ao longo do ano, à medida que cada *live* era realizada, era também registrado o número total de óbitos em decorrência da Covid-19 como forma de denúncia, construindo consciência crítica e histórica sobre o período vivenciado.

Previsto inicialmente para ocorrer com 13 *lives*, ao todo foram realizadas 15 *lives* com temáticas que dialogaram essencialmente com estudantes e profissionais, num espaço interativo que constituiu uma grande “sala de aula” conjunta. Cada *live* era cuidadosamente preparada a partir de uma metodologia comum de comunicação dinâmica e objetiva, com identidade visual própria e prévia divulgação nas redes sociais da entidade.

Ao longo do ano de 2019, os vídeos da TV ABEPSS no canal do YouTube tiveram 12.810 visualizações. No ano seguinte, em 2020, no contexto da pandemia e após a criação do Projeto ABEPSS Ao Vivo, os vídeos disponíveis na TV ABEPSS tiveram 54.887 visualizações. A partir de um aprendizado inicial realizado em Oficina de Comunicação aberta à participação de toda a gestão nacional, todo o trabalho — tanto na preparação técnica das *lives* quanto de seu conteúdo e publicização — foi realizado por estudantes e docentes de diferentes UFAs e regiões, deixando um legado que até hoje tem impactado positivamente a formação e o trabalho profissionais. Ao mesmo tempo em que socializou a produção de conhecimento da área, a partir das pesquisas realizadas nos distintos GTPs, com interlocução direta e interação, o Projeto ABEPSS Ao Vivo gerou conteúdo que está disponível e acessível a todos, contribuindo com o registro e a memória do tempo vivido. A socialização do conhecimento e das pesquisas realizadas pela área não se encerrou ao final da gestão. As gestões seguintes da ABEPSS deram continuidade ao Projeto ABEPSS Ao Vivo, inovando e diversificando os conteúdos, sempre em articulação com os GTPs.

⁴ Todo o conteúdo do Projeto ABEPSS Ao Vivo é de livre acesso e está disponível no canal do YouTube TV ABEPSS: <https://www.youtube.com/@tvabepss2387/streams>

A mobilização e o engajamento proporcionados pelo Projeto ABEPSS Ao Vivo produziram uma nova forma de linguagem, sintonizada com o contexto das TICs, sem renunciar aos fundamentos e à direção social que orientam historicamente o Serviço Social brasileiro. A seguir, abordaremos o trabalho realizado junto à Revista Temporalis, que neste ano completa 25 anos!

A Revista Temporalis – a reflexão em tempos de retrocessos e pandemia

A Revista Temporalis, criada em 2000, é um veículo de comunicação publicado semestralmente pela ABEPSS e é considerada relevante para a disseminação da produção do conhecimento não somente na área do Serviço Social, como também em áreas afins, no Brasil e em outros países.

Mantém, desde sua criação, seu foco e escopo sobre temas que abordam crítica e cientificamente os assuntos que explicitam os elementos constitutivos da realidade em tempo vivido, de modo a trazer contribuições para a análise conjuntural que apreenda o movimento do real enquanto síntese de múltiplas determinações, tendo em vista superar a unilateralidade, o subjetivismo, a superficialidade e, de fato, contribuir para a apreensão da contradição e das particularidades socio-históricas, na direção do Projeto Ético-Político do Serviço Social.

Esse compromisso imanente da Temporalis se manteve firme durante os tempos tão duros vividos na gestão 2019–2020: “Resistir e avançar, na ousadia de lutar”. Tempos esses que demandaram, diuturnamente, posicionamentos firmes e contundentes da gestão da ABEPSS, na defesa da vida, dos direitos sociais, do trabalho e da formação profissional, alicerçados no Projeto Ético-Político do Serviço Social, explicitados também nas edições publicadas ao longo da gestão 2019–2020.

Na edição 39 (trinta e nove), foram publicadas oito notas; e na edição 40 (quarenta), outras cinco notas que demonstraram a necessidade de posicionamento diante do adensamento das estratégias de controle sociometabólico do capital, do recrudescimento da crise do capital — particularmente no Brasil —, das formas de controle, de exploração/opressão e precarização do trabalho, das contrarreformas e do desmonte dos direitos sociais e civis que colocaram em xeque a democracia no país.

Esses documentos também marcaram o posicionamento do conjunto da categoria contra a implementação das medidas ultraliberais, dos ataques brutais à classe trabalhadora e a seus direitos constitucionais e civis, sustentadas por tendências conservadoras e moralistas, além da desqualificação da ciência e da educação como campos férteis e autônomos na produção do conhecimento.

Diante dessa realidade, a defesa intransigente da vida — especialmente em tempos pandêmicos —, dos direitos sociais, das Diretrizes Curriculares de 1996 e do Projeto Ético-Político foi fundamental para registrar as inúmeras lutas que vivenciamos naquele momento no Brasil e reafirmar a defesa de um projeto profissional crítico, eticamente fundamentado, fruto de uma construção histórica das/os assistentes sociais brasileiras/os.

Nessa direção, o conselho editorial à época, atento ao movimento da realidade, além de publicar os documentos e notas, buscou contribuições nas chamadas das quatro edições da Temporalis durante os anos de 2019 e 2020, que versassem sobre temas que retratassem a realidade.

Na edição 37 (trinta e sete) — “Em tempos de radicalização do capital, lutas, resistência e Serviço Social”, o escopo da publicação caminhou na direção da análise crítica do conjunto de determinações postas ao trabalho e à formação profissional frente ao processo de radicalização do capital, do neoconservadorismo e dos processos antidemocráticos, não somente no Brasil, mas também no mundo, com a intensificação da mercantilização e mercadorização do ensino superior brasileiro, situando-o não mais no campo dos direitos, mas como um grande negócio, altamente lucrativo e que deve atender aos interesses do mercado.

A preocupação nesta edição foi a explicitação dessa realidade, mas também da contradição posta nos movimentos e nas estratégias de luta e de resistência, tendo em vista a reafirmação dos princípios e valores que orientam a formação e o trabalho profissional, a pesquisa e a produção de conhecimento na área.

A edição 38 (trinta e oito) — “Serviço Social, movimentos sociais e lutas sociais” — marcou essa direção de resistência diante da conjuntura liberal-conservadora que buscava limitar a participação popular e o debate sobre classe, consciência de classe, lutas sociais e suas configurações socio-históricas, bem como as organizações das/os trabalhadoras/es, dentre elas via partido político e sindicato. Importante destacar a preocupação com a participação popular diante da destruição de direitos e da criminalização da organização das/os trabalhadoras/es.

Com o adensamento das ofensivas do então desgoverno Bolsonaro, tornou-se ainda mais evidente percorrer o caminho da denúncia do desmonte das políticas públicas e dos direitos sociais. Foi então que a comissão editorial definiu o tema da edição 39 (trinta e nove) — “Serviço Social e Assistência Social: trajetórias e tendências”, tendo em vista as trajetórias e as tendências do mercado de trabalho do Serviço Social e da política de Assistência Social, bem como a formação profissional e o trabalho profissional do Serviço Social na relação com essa política, ganhando destaque a concepção, gestão, execução e financiamento como política de seguridade social no bojo do neoconservadorismo.

Nessa edição, a preocupação central foi a conjuntura de acirramento das contrarreformas e a desqualificação da crise sanitária à época, além da subnotificação dos casos de óbito por Covid-19 que, segundo dados da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), indicam que o número de mortes por Covid-19 no Brasil em 2020 foi 18,2% maior do que o registrado oficialmente.

Evidente foi o descaso, à época, do Estado brasileiro com os segmentos mais espoliados da classe trabalhadora, usuários principais da política de Assistência Social que, naquele momento pandêmico, somavam mais de 70 milhões de pessoas que solicitaram o auxílio emergencial de R\$ 600,00.

A última edição publicada pela gestão 2019–2020 foi a de número 40 (quarenta) — “As Diretrizes Curriculares para os Cursos de Serviço Social, frente à barbarização e mercantilização de todas as dimensões da vida na particularidade brasileira à época”. Os artigos publicados nessa edição versavam sobre a formação profissional com capacitação teórico-metodológica, ético-política e técnico-operativa para a apreensão teórico-crítica do processo socio-histórico como totalidade, assim como a consolidação do projeto ético-político profissional.

Foi uma publicação que somou esforços na direção de explicitar as históricas lutas e resistências do conjunto da categoria de assistentes sociais, particularmente no Brasil, e na construção das atuais Diretrizes Curriculares, que se aproximavam, naquele momento, dos seus 25 anos.

Numa conjuntura jamais imaginada — em meio à pandemia de Covid-19, além das sequelas físicas, psíquicas e inúmeras outras — foi possível reafirmar que a formação e o trabalho profissional, comprometidos com os princípios ético-políticos expressos no Código de Ética Profissional das e dos assistentes sociais brasileiros, fizeram e fazem a diferença, e nos fazem avançar!

Considerações finais

Neste artigo, construído a partir de estudos e da experiência da militância docente à frente da gestão da ABEPSS “Resistir e Avançar na Ousadia de Lutar” (2019–2020), buscou-se refletir sobre a conjuntura vivida e diferentes estratégias de resistência para a defesa da vida e da direção ético-política em tempos pandêmicos jamais vividos pelos sujeitos presentes.

Partiu-se da análise dos processos que atravessaram a gestão e das estratégias que foram colocadas em movimento face à conjuntura, dando ênfase ao trabalho articulado dos GTPs e à política de comunicação da ABEPSS, tendo a produção do conhecimento livre e autônoma como uma forma de resistência.

Analisar o momento vivido pela referida gestão tornou-se uma tarefa ímpar para a construção deste artigo. Jamais imaginaríamos a realidade que se materializou ao longo dessa gestão ao construirmos o plano de ação apresentado pela então chapa no ENPSS e na Assembleia de 2018, cuja preocupação centrava-se na defesa do projeto ético-político do Serviço Social, no fortalecimento do projeto de formação profissional à luz das Diretrizes Curriculares de 1996 e na defesa do legado histórico da entidade.

Evidentemente, todas as gestões da ABEPSS se depararam com conjunturas duras e que demandaram lutas contínuas. Na gestão 2019–2020 não foi diferente. Todavia, é necessário marcar os desafios conjunturais e estruturais da dinâmica do capitalismo e seus impactos na vida social, particularmente em um cenário pandêmico e com o desgoverno Bolsonaro que, a partir de sua posse em 2019, tomou de assalto o Brasil e tentou torná-lo uma “terra arrasada”, considerada aqui, sem exageros, em sua acepção como tática militar de destruição de recursos para impedir o inimigo.

Desgoverno este que não mediu esforços para a criminalização e desfinanciamento da ciência e para a incitação explícita à volta da ditadura militar, tornando-se urgente e necessária a articulação da entidade com o conjunto da categoria e da classe trabalhadora pela defesa intransigente das liberdades democráticas, dos direitos humanos, da ciência e das políticas sociais.

Tarefa esta que, por si só já extremamente complexa, foi adensada pela pandemia de Covid-19 que assolou o mundo e ceifou a vida de milhares de pessoas no Brasil. Tragédia esta que se tornou motivo de desdém pelo então ocupante do Palácio do Planalto e seus aliados.

Inúmeros ataques foram deflagrados e intensificados nessa conjuntura contra a produção do conhecimento livre e autônoma — não por acaso (Fortuna; Guedes, 2020). De fato, além dos aspectos econômicos que atendiam interesses mercadológicos, como por exemplo a disseminação de desinformações acerca do uso da cloroquina e hidroxicloroquina e contrárias à vacinação em massa da população, havia também a necessidade da disseminação de valores à luz do ideário conservador.

Evidentemente, a defesa da produção do conhecimento que de fato buscasse bases científicas, que se aproximasse do movimento do real, captando suas particularidades, alicerçando o significado social do conhecimento à sua ineliminável relação orgânica com a defesa da vida e da sociedade — na perspectiva de superar a lógica desumanizadora do capital, que se fundamenta na obtenção de lucros, no individualismo, na competição, na extração da energia humana, desumanizando o humano — demandou esforços hercúleos de toda a comunidade científica e, por sua vez, do conjunto da categoria de assistentes sociais.

Diante dessa conjuntura, rapidamente apresentada neste artigo, a gestão da ABEPSS à época fez uso de diversas estratégias para se manter enquanto entidade livre e autônoma, respeitando o projeto ético-político da categoria.

Nesse sentido, a política de comunicação que foi mantida com o Projeto ABEPSS Itinerante e com a implantação/implementação do Projeto ABEPSS Ao Vivo, com a permanente articulação dos GTPs, com a publicação da Revista Temporalis que manteve sua periodicidade, foi fundamental como uma das estratégias de enfrentamento e resistência à barbárie instalada no país, tendo em vista somar esforços para a disseminação de informações e de conhecimento crítico e científico.

Os espaços virtuais, até então pouco utilizados, serviram, em tempos pandêmicos e de exceção, como possibilidade de articulação e reflexão permanente da categoria que ora estava isolada em suas residências, ora estava na linha de frente, se submetendo às condições insalubres de trabalho.

Tempos de retrocessos, de perseguição, de criminalização da ciência, de recrudescimento do capital, de desumanização do humano, de mortes foram também marcados pela garra, coragem, força e determinação de uma categoria que segue lutando pelos direitos humanos e sociais, que denuncia as injustiças, que resiste e não foge à luta!

Muito avançamos na organização da categoria. Todavia, a conjuntura atual adensa desafios já existentes, como o acirramento do desmonte das políticas públicas, a lógica produtivista academicista, além da brutal pressão do grande capital internacional e a corrida para as eleições gerais de 2026.

Sigamos resistindo, avançando e ousando lutar!

Referências

FIOCRUZ – FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Estudo analisa registro de óbitos por Covid-19 em 2020. Disponível em: <https://fiocruz.br/noticia/2021/08/estudo-analisa-registro-de-obitos-por-covid-19-em-2020>. Acesso em: 08 ago. 2025.

FORTUNA, Sandra L. de A.; GUEDES, Olegna de S. A produção do conhecimento e o projeto ético-político do Serviço Social. **Katálisis**, v. 23, n. 1, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/katalysis/article/view/1982-02592020v23n1p25>. Acesso em: 08 ago. 2025.

LEHER, Roberto. Darwinismo social, epidemia e fim da quarentena: notas sobre os dilemas imediatos. **Carta Maior**: O portal da esquerda, 29 mar. 2020. Disponível em: <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/Darwinismo-social-epidemia-e-fim-da-quarentena-notas-sobre-os-dilemas-imediatos/4/46972>. Acesso em: 29 ago. 2025.

LUKÁCS, György. **Para uma ontologia do ser social I**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2012.

ROCHA, Daniel. Perspectivas Messiânicas na participação dos pentecostais na política brasileira. **Perspectiva Teológica**, v. 52, n. 3, p. 607–632, set./dez. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pteo/a/8CW9t4FndNxRbQcBGxc5KPL/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 04 ago. 2025.

SOUSA, Adrianycy A. S. de; OLIVEIRA, Ana Cristina O. de; SOUZA, Giselle. Pandemia e conservadorismo no Brasil: fundamentos e conjuntura recente. In: SILVA, L. B.; DANTAS, A. V. **Crise e pandemia**: quando a exceção é a regra geral. Rio de Janeiro: EPSJV, 2020.

Submetido em: 30/8/2025

Aceito em: 2/9/2025